

“Está tudo abandonado”

» HELENA MADER

As tradicionais brincadeiras embaixo do bloco, que marcaram a infância de muitos moradores do Plano Piloto, não têm mais a segurança de antigamente. Além do aumento da violência e do consumo de drogas, que assustam os pais, o abandono dos parquinhos, das quadras poliesportivas e das praças representa um risco para os mais jovens. Em várias superquadras, esses locais estão destruídos, com grandes furadas, tabelas de basquete e traves de futebol quebradas e balanços e escorregadores enferrujados.

Na 112 Sul, por exemplo, quase todos os balanços estão sem bancos, o que deixa a estrutura pendurada, se arrastando no chão. A pintura descascada dos brinquedos revela ferrugem e, no meio da areia, gigantescos formigueiros representam um risco a mais para os poucos pais e babás que se aventuram com os pequenos pelo parquinho. A auxiliar de enfermagem Sônia Alencar, 32 anos, levou o sobrinho para brincar no local, mas não desgrudou do menino. Carlos Luiz Barroso, 3 anos, queria correr pelo parquinho, mas a tia restringiu o deslocamento. “Está tudo abandonado, é um absurdo. As crianças ficam loucas para brincar, mas elas podem se machucar”, queixa-se.

Na região, além dos equipamentos públicos enferrujados, os moradores têm outro motivo para se preocupar. Uma invasão nos fundos do prédio de uma empresa de telefonia, que começou em novembro do ano passado, persiste na Entrequadra 112/113 Sul, apesar das recorrentes reclamações da comunidade. Segundo os moradores, os barracos dos moradores de rua se transformaram em ponto de usuários de crack. Depois de denunciada pelo Correio no mês passado, a invasão diminuiu, mas muitos ocupantes ainda vivem no local, que conta até com uma plantação de abacaxi.

Mãe de um bebê de 2 meses, a servidora pública Gabriele Costa, 31 anos, mora na 112 Sul há 13 anos e reclama da presença das famílias sem teto. “O governo deveria tomar alguma providência, até no sentido de ajudá-las. Infelizmente, os barracos viraram pontos de drogas e todos ficam com medo de circular pelo gramado, até mesmo durante o dia”, comenta. “Além do risco, esse lugar virou uma montanha de lixo e sujeira. Nunca tinha visto nada parecido por aqui”, acrescenta a servidora pública.

Flanelinhas

A falta de vagas de estacionamento é outro motivo de reclamação frequente da comunidade do Plano Piloto. Em algumas entrequadras comerciais, e até mesmo nas superquadras, é complicado encontrar locais para deixar o carro, especialmente no caso de famílias com mais de um veículo. A 202 Sul é uma das quadras mais afetadas pelo problema durante o dia.

Até mesmo flanelinhas trabalham nos estacionamentos dos blocos residenciais, tamanha é a dificuldade para encontrar espaço. “Outro dia, um guardador queria cobrar R\$ 20 da minha filha, que é moradora da 202 Sul. Imagina o absurdo que seria pagar para estacionar em área pública, embaixo do próprio prédio”, diz o presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul, Arthur Benevides. “Também incomoda demais a privatização das vagas, imposta pelos manobristas. Eles estacionam os carros nos blocos residenciais, muitas vezes em locais inadequados”, denuncia.

As calçadas irregulares e esburacadas do Plano Piloto são ainda mais preocupantes diante do fenômeno do envelhecimento da população local. Hoje, o total de moradores do DF com mais de 60 anos representa 7,7% dos brasilienses.

Fotos: Janine Moraes/CB/D.A Press



Problema recorrente no Plano Piloto: falta de estacionamento para veículos nas entrequadras comerciais acaba por lotar as áreas residenciais, como no caso da 202 Sul



A auxiliar de enfermagem Sônia, com o sobrinho, no parquinho da 112 Sul: “As crianças ficam loucas para brincar, mas elas podem se machucar”

» Três perguntas para

Carlos Moura/CB/D.A Press - 1/11/11



MESSIAS DE SOUZA, ADMINISTRADOR DE BRASÍLIA

Os moradores do Plano Piloto reclamam do abandono dos equipamentos públicos e da falta de investimentos e de obras nas asas Sul e Norte. Como solucionar o problema?

Fazemos mutirões com outros órgãos do governo para resolver todas essas demandas. Além disso, temos um diálogo permanente com lideranças comunitárias. Vamos lançar o projeto Administração nas Quadras, no qual conversaremos com os moradores todos os fins de semana para discutir as prioridades. Também atenderemos os comerciantes com problemas na área de licenciamentos.

O que a administração tem autonomia para resolver?

Nós temos uma equipe de reparos e manutenção, que realiza um trabalho imenso a pedido das prefeituras, como recuperação de parquinhos ou pequenos consertos. Nós resolvemos essas situações corriqueiras, mas, quando a obra é grande, temos que repassar a responsabilidade a outros órgãos. O nosso orçamento para investimento é pequeno. Para praças e parques, por exemplo, é na ordem de R\$ 300 mil anuais. Quando é preciso reformar calçadas, solicitamos à Novacap. Quando o problema é de iluminação pública, repassamos a demanda à CEB.

Quais as principais demandas enviadas pela comunidade?

Em algumas quadras, há até conflitos entre os moradores para estabelecer as prioridades. Tem locais onde há igualmente idosos e casais jovens com filhos. Alguns preferem investimentos em calçadas, outros defendem a recuperação de parquinhos. A administração também precisa intervir quando há conflitos entre comerciantes e moradores, especialmente por causa de barulho. Nesses casos, depois de reiteradas notificações, às vezes, cassamos o alvará, quando não há providências, como tratamento acústico.

Idosos

No DF, a maior concentração de brasilienses acima de 60 anos está no Lago Sul. Lá, 19,9% dos moradores estão nessa faixa etária. O percentual era de apenas 5,4%. A falta de cuidado com essas passagens de pedestres representa um risco para os idosos e muitos deixam de fazer caminhadas com medo de se machucar nos buracos espalhados pelo caminho.

Há 10 anos, esse percentual era de apenas 5,4%. A falta de cuidado com essas passagens de pedestres representa um risco para os idosos e muitos deixam de fazer caminhadas com medo de se machucar nos buracos espalhados pelo caminho.

O presidente do Conselho Comunitário da Asa Sul, Arthur Benevides, explica que as únicas quadras com calçamento uniforme são aquelas onde os moradores pagaram pelas reformas.

“Isso aconteceu em superquadras como a 314, a 315, a 215, além da 216 Sul. Nas outras, as calçadas estão abandonadas. Recentemente, um pai estava passeando com o filho na 205 Sul e uma placa de cimento solta da calçada caiu sobre o pé da criança. Se isso acontecesse com um idoso, poderia haver uma tragédia. Sem falar com o desasco com os cadeirantes, que não conseguem circular direito pelo Plano Piloto”, reclama.